

**A HISTÓRIA POR TRÁS DA ESCRITORA
DE “ÚRSULA”, MARIA FIRMINA DOS REIS**

Eliane Terezinha Piccolotto (UFPR)
epiccolotto27@gmail.com

RESUMO

Maria Firmina dos Reis é considerada por muitos críticos como a primeira escritora a publicar um romance de literatura brasileira, bem como a segunda mulher nascida no Brasil a ter um livro impresso, uma ideia inconcebível para a sua época. Apesar das limitações impostas pela sociedade para se manifestar, estando confinada em um ambiente sexista, escravista e racista, ela conseguiu editar “Úrsula”, de alto valor literário. Este presente estudo constituiu em um artigo teórico-metodológico do tipo ensaio, como objetivo refletir acerca do trajeto do Brasil do século XIX sobre esta autora. Para isso, utilizaremos, como interlocuções nesse caminho, autores como: Moraes Filho (1975), Compagnon (2012) e Cuti (2010).

Palavras-chave:

Ensaio. “Úrsula”. Literatura Brasileira.

RESUMEN

Maria Firmina dos Reis es considerada por muchos críticos como la primera escritora a publicar una novela en la literatura brasileña, así como la segunda mujer nacida en Brasil a tener un libro impreso, una idea inconcebible en aquel momento. A pesar de las limitaciones impuestas por la sociedad para que pudiese manifestarse, al estar confinada en un ambiente sexista, esclavista y racista, Maria logró editar Úrsula, de alto valor literario. El presente estudio constituye un artículo teórico-metodológico de tipo ensayo, con el objetivo de reflexionar sobre esta trayectoria del Brasil del siglo XIX sobre esta autora. Para esto, utilizaremos interlocuciones en este camino, autores como: Moraes Filho (1975), Compagnon (2012) y Cuti (2010).

Palabras clave:

Ensayo. “Úrsula”. Literatura brasileña.

1. Introdução

Maria Firmina dos Reis é considerada por muitos críticos a primeira escritora a publicar um romance na literatura brasileira, bem como a segunda mulher nascida no Brasil a ter um livro publicado, uma ideia inconcebível para a época, já que ela era do sexo feminino e, mais perturbador ainda para os padrões de seu tempo, mulata. Este ensaio faz uma reflexão sobre este trajeto do Brasil do século XIX sobre esta autora que, apesar das limitações impostas pela sociedade para manifestar-se, estan-

do confinada em um ambiente sexista, escravista e racista, conseguiu editar “Úrsula”, de alto valor literário, corroborando o que afirma Silva (2011, p. 2): “Maria Firmina foi autodidata, por esforço próprio conseguiu romper a cadeia da exclusão das mulheres no mundo das letras”. Para isso, utilizaremos como interlocuções nesse caminho autores como: Morais Filho (1975), Compagnon (2012) e Cuti (2010).

No século XIX, era muito comum os autores literários criticarem ou mesmo estabelecerem padrões na sociedade, através de seus personagens e enredos de ficção. Com isso, transferiam para sua obra sua visão de mundo, criando enredos inspirados em protagonistas reais, construídos sob a influência do meio em que viviam.

Maria Firmina debate seu inconformismo em relação à escravidão através da literatura, e manifesta sua dor através de seus personagens. Bloom (2009) diz que o ensinamento mais profundo de Nietzsche é sobre a memória da dor e o que ela traduz:

Para que algo se aloje na memória, é preciso que seja ali marcado a fogo; somente aquilo que jamais pára de doer fica na memória – eis a oração principal da mais antiga (infelizmente, também, a mais durável) psicologia existentes na Terra. (BLOOM, 2009, p. 250)

E é nesta memória que Firmina determina seu trajeto na literatura: proibida de se expressar por ser mulher e mulata em um país até então escravagista.

2. *Maria Firmina e sua vida*

Maria Firmina dos Reis nasceu no bairro de São Pantaleão, em São Luís do Maranhão, em 11 de outubro de 1825. Foi criada por sua tia Henriqueta. Sua mãe, Leonor Felipe dos Reis, não era casada com seu pai. Maria era filha de mãe branca com pai negro, prestou concurso público em 1847 para professora de primeiras letras na cidade de Guimarães, de acordo com Nascimento Morais (1975). Quando recebeu a notícia de que havia passado no exame de português para o concurso público, sua mãe se orgulhou tanto que alugou um palanquim (veículo comumente utilizado naquela época) para que sua filha pudesse ser carregada em triunfo pelas ruas de São Luiz, para receber seu diploma. Ela, já um tanto irritada com que sua mãe fizera, disse: “Negro não é animal para se andar montado nele!”. E foi a pé. (MORAIS FILHO, 1975, p. 29).

Publicou em 1859 o romance “Úrsula”, cujos personagens perso-

nificam críticas contra a escravidão embora, como vemos abaixo, ela se desculpa por seu livro, um fato tanto comum para a época, pois sabia que deveria enfrentar muitos obstáculos. Ser mulher já era difícil, ser negra então era uma calamidade. Esta realidade pesava muito contra a sua pessoa, sendo refletida até mesmo no próprio livro.

Mesquinho e humilde livro é esse que vos apresento leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o é amor-próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conservação dos homens ilustrados, que aconselham que discutam e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2018, p. 12)

Cuti (2010) relata que a autora de *Úrsula* segue o tom da narrativa branco-brasileira ao explorar os seus personagens no sofrimento e, por conseguinte, sua dor.

Entretanto, a inauguradora feminina do romance brasileiro não deixou de transferir para suas personagens escravizadas a perspectiva de um narrador negro brasileiro que ela não pode trazer para o primeiro plano. “*Úrsula*” não tem como personagens centrais os escravizados. Estes, bem como sua saga, restam como pano de fundo para um romance entre brancos. Coadjuvante, a personagem Túlio surge para salvar da morte o protagonista branco (Cf. CUTI, 2010).

Os protagonistas de “*Úrsula*”, que são brancos, possuem o pretexto para relatar a humanização do personagem coadjuvante, que é escravo. O objetivo da autora é que o leitor crie um laço de afeto ao salvar a vida do protagonista, e se solidarize com a vida dura do escravizado, ao mesmo tempo em que denuncia a escravidão e suas atrocidades.

Firmina foi mais longe além de “*Úrsula*”, que já era um marco grandioso para a época: escreveu “*Gupeva*”, um romance que teve três edições publicadas em um folhetim com nome de “*O jardim das Maranhenses*”, em 1862. Ela era contista, cronista, poetisa, assídua colaboradora nos jornais locais. Segundo seu biógrafo Nascimento Morais (1975), foi a primeira a publicar um livro de poesia, e em suas obras fazia um desabafo antiescravagista. O autor cita que ela teve uma grande desilusão amorosa e chegou a pensar em tirar a própria vida, mas como era muito religiosa não o fez. Seus fragmentos literários são um verdadeiro clamor de dor. Seus personagens fictícios tendiam a ter a voz da liberdade que não possuíam na vivência real, uma abolicionista determinada em se fa-

zer ouvir.

Compagnon (2012), sobre intenção e consciência, relata que o autor finda por transferir parte de sua consciência, que não se resume à sua biografia, muito menos uma intenção de reflexão, ou uma premonição, mas vai corresponder a uma visão que a sua consciência a torna como real, ou seja, o mundo é visto através dela, de si mesmo e é transportado para sua obra. Com isso, podemos afirmar que o biografismo da autora foi pertinente para a construção da sua obra, refletindo o que Maria Firmina estava vivenciando ao seu redor.

Silva (2011) salienta que Maria Firmina foi uma das poucas mulheres negras a levantar sua voz contra a escravidão no século XIX, que essa ação era até então feita por abolicionistas homens, brancos filhos de aristocratas que viajavam ao exterior para adquirir uma formação e voltavam com um ideário revolucionário de livrar o país da escravização para elencá-lo no rol das nações desenvolvidas.

3. A mulher no século XIX

Segundo Algranti (1993) a mulher descrita no século XIX era excluída do espaço público, e contida em um espaço privado, para que o homem pudesse controlar sua feminilidade, seus instintos, desejos e sentimentos. Ela era vista como uma propriedade, pois, para eles, seria incapaz de gerir sua própria vida. A educação era para poucas privilegiadas, o ensino das prendas domésticas era fundamental para o preparo marital, o acesso ao ensino superior era extremamente difícil, mesmo dispendo de um poder aquisitivo alto, com origem social elitizada, tendo em vista que quase não havia escolas para as mulheres. Cunha e Silva (2010) esclarece que a educação feminina era precária para a época, os cargos de professores eram preenchidos por pessoas do mesmo sexo, ocupados por concursos públicos, porém as mulheres possuíam maior dificuldades em passar na prova, em vista da pouca formação adquirida.

Mesmo nesta esfera desfavorável para a mulher, a república enaltece seu papel, ainda que, subordinado à dominação masculina, como vemos em um fragmento de uma crítica que saiu no *Jornal do Comércio* em 04 de agosto de 1860, sobre o livro “*Úrsula*”, que corrobora esta afirmação.

OBRA NOVA – Com o título *ÚRSULA* publicou a Sra. Maria Firmina dos Reis um romance impresso que se acha à venda na tipografia do Pro-

gresso. Convidamos aos nossos leitores apreciarem esta obra original maranhense, que, conquanto não seja perfeita, revela muito talento na autora e mostra que se não lhe faltar animação poderá produzir trabalho de maior mérito. O estilo fácil e agradável. A autora na carreira que tão brilhantemente ensaiou, poderá para o futuro, dar-nos belos volumes. (MORAIS FILHO, 1975, p. 4)

Conforme Trindade (1996), a república enxergava na mulher a raiz das possíveis gerações, mas além disso, uma mãe que instruíra, por isso, não negava sua instrução, mas limitava seu aprendizado. A escola cercear seu saber científico, impedindo-a de exercer seus direitos políticos, devendo a ela se restringir ao âmbito familiar, preparando-a para exercer seu papel na tríade: família, sociedade e pátria. Assim, a mulher na república se curvava na obediência de uma sociedade machista e escravocrata.

Silva (2013) discorre:

Ler escondida, abrir a janela na calada da noite, burlar regras. É o avesso da mulher idealizada, que devia cuidar do marido e filhos, que casa aos quatorze anos e envelhece aos vinte. É, portanto, nessa sociedade, na qual muitas vezes, o discurso sobre o feminino está eivado de um olhar misógino, que Maria Firmina irá se colocar no mundo da escrita e da literatura do século XIX, na província do Maranhão, falando sobre mulheres e contra a escravidão. (SILVA, 2013, p. 35)

Mott (2010, p. 247) destaca que Firmina denunciava a escravidão “justamente no Maranhão, província que era considerada como sendo fortemente escravista”. Tal é sua coragem, para ignorar este fato, e seguir em frente que publicou em 1887 um conto abolicionista chamado *A escrava*, às vésperas da Abolição, ocorrida em maio de 1888.

No conto, a autora revelou mais precisamente sua condição de autora mestiça negro-brasileira sensibilizada para com o processo da Abolição. A história é narrada pelo prisma de uma senhora abolicionista. Trata-se de um drama de mãe perseguida, que por fim morre ao lado do filho escravizado, narrando a perda anterior de dois outros filhos, arrancados de seus braços pelo seu proprietário, o que a fez enlouquecer. Ao final, a senhora bondosa compra a alforria do jovem, enfrentando seu dono (Cf. CUTI, 2010).

Novamente, sua voz contra a escravidão se fez ouvir:

Os textos de ficção utilizam, pois, os mesmos mecanismos referenciais da linguagem não ficcional para referir-se a mundos ficcionais considerados como mundos possíveis. (COMPAGNON, 2012, p. 133)

Mas o que é o abolicionismo? Nabuco (2011) afirma que é um protesto contra a morte, a triste despedida da vida, não só justa, mas também a consciência da moralidade de um sistema estragado que sofria impunemente a ação que prolongou a escravidão.

O nosso caráter, o nosso temperamento, a nossa organização toda, física, intelectual e moral, acha-se terrivelmente afetada pelas influências com que a escravidão passou trezentos anos a permeiar a sociedade brasileira. (NABUCO, 2011, p. 11)

4. Considerações finais

A voz de Maria Firmina se acendeu em seus escritos contra a escravidão, sendo uma mulher corajosa, implacável, destemida escreveu com coração para se fazer ouvir. Infelizmente foi silenciada durante muito tempo e revivida por Nascimento Moraes com uma biografia fenomenal, que conseguiu com muito custo escrever, tendo em vista que muitos dos documentos foram perdidos. Firmina é uma das vozes que vivenciaram o terror da escravatura. Sua coragem perdeu durante toda sua vida, escrevendo poesias, contos, manifestando-se contra as injustiças sociais.

Aos 55 anos, fundou uma escola gratuita no Maranhão para as crianças. Foi uma professora dedicada à comunidade, falecendo aos 92 anos, mas sua literatura ecoa até hoje no livro “Úrsula”. Infelizmente, ainda vivemos uma discriminação de gênero, que afeta as mulheres, e um preconceito racial velado no Brasil. Cortazzo (2015) expõe que:

Entiendo que el racismo no puede seguir siendo concebido como discursos ofensivos, prácticas excluyentes o actitudes agresivas frente a un grupo o ideas explícitas de superioridad racial. El racismo también ayuda a construir nuestros objetos de investigación, sus clasificaciones, interpretaciones y programas de estudios en escuelas y universidades. La idea de América Latina es hoy una de sus principales matrices. (CORTAZZO, 2015, p. 141)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, L. M. A preservação da honra e da virtude feminina. In: _____. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudoeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p. 109-31

BLOOM, Harold. *Onde encontrar a Sabedoria*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria*. Belo Horizonte, UFMG, 2012.

CORTAZZO, Uruguay. Racismo y crítica literária. *Cadernos de Letras*, n. 25, p. 141-53, Pelotas, 2015. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/525550/mod_forum/intro/racismo_literatura_cortazzo.pdf. Acesso em 15 de junho de 2019.

CUNHA, W. D. S.; SILVA, R. J. V. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. *Gênero*, v. 11, n. 1, p. 97-106, Niterói, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/62>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Consciência em Debate)

MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina*: Fragmentos de uma vida. São Luís, 1975. Disponível em <https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>. Acesso em: 01 de Julho de 2019.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. Escritoras negras: resgatando nossa história. In: ____; PEREIRA, E. de A. (Orgs). *Um Tigre na Floresta de Signos*: Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2010. p. 245-55

NABUCO, Joaquim. *O que é o Abolicionismo*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras* [recurso eletrônico] Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. (Série Prazer de Ler; n. 1)

SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão*: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 177f.

_____. A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. *Leitura, teoria e prática*, v. 29, n. 56, p 11-19, Campinas-SP: ALB, julho de 2011. Disponível em <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/issue/view/5/showtoc> Acesso em: 16

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de julho de 2019.

TRINDADE, E. M. C. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996. p. 13-54